

Volta a badalar o velho pêndulo da euforia e da depressão do cinema brasileiro. Pelos sinais emitidos recentemente (aprovação da Lei do Audiovisual e concessão de uma verba emergencial) sofregamente acompanhados pela brancaleônica classe, é a vez da euforia com todo séquito de manifestações de otimismo, de esperanças renovadas, do “agora vamos”, com direito a pitadas outra vez de megalomania, que ninguém é de ferro.

Todavia, a coisa é séria e pela experiência negativa acumulada há que se agir com bom senso e consultando a dura realidade vivida. Egressos da terra arrasada por Fernando Collor que não precisou mais do que uns poucos vetos e decretos para inviabilizar o nosso cinema, é preciso convir que os sinais de reação institucional com vistas à moribunda atividade cinematográfica (optou-se pela designação audiovisual, mais abrangente e realista) são ainda muito fracos. No que pese todo o inegável potencial cultural, profissional, artístico, técnico e econômico, inalienável patrimônio que fez do cinema brasileiro uma espécie de honra e glória nacionais em décadas passadas.

De Brasília, temos seguido desde o início a trajetória do desmonte e vimos e sentimos na pele (produ-

VLADIMIR CARVALHO

## O mundo sente falta

VLADIMIR CARVALHO é documentarista, autor dos longas-metragens *O País de São Sarun*, *O Homem do Arêas*, *O Evangelho Segundo Teotônio* e *Contrâneos Velhos de Guerra*, e co-produtor de *Cabra Marcado Pra Morrer*, de Eduardo Coutinho.

zindo, dirigindo e nunca exibindo) crescer o nosso desprestígio. O figurino da resistência edificante, romântico mas necessário, exige que conservemos a cabeça erguida; porém o ceticismo a que chegamos não é infundado, mesmo hoje em pleno alvoroço das lideranças quase propectas nas idas e vindas ao Congresso, aos ministérios, aos convescotes da República beijoqueira. Mas a luz, desculpem, ainda é muito tênue, especialmente para os que jamais foram contemplados mesmo na fase mais promissora das vacas gordas da Embrafilme/Concine. Pagamos um preço altíssimo à fase anterior de depressão (no nosso caso particular jamais conhecemos a euforia) e não conseguimos ver agora o caminho totalmente desobstruído para reencetarmos a jornada. Pode ser um dado subjetivo excrescente mas o nosso pessimismo, por mais estimulante e machadiano que pretendamos que seja, não consegue descartar as dificuldades que permanecem aí, ululantes e desafiadoras. Basta olhar: o governo está indiferente e os partidos políticos rejeitaram o anêmico Ministério da Cultura, sem verbas e prestígio; os propalados vinte e cinco milhões de dólares tidos como tábua de salvação resumem-se hoje a oito ou cinco, se chegarem de fato às mãos de seus destinatários; o ministro, por mais respeitável e enciclopédico, se revelou apático e pouco operativo; os exibidores querem nos ver pelas costas e se já não tinham compromissos conosco ao tempo em que a lei de obrigatoriedade nos dava cobertura, agora reinam absolutos e não há um só cinema no país exibindo filme brasileiro. As secretárias têm ordem para não nos atender. Restaria o circuito alternativo, oriundo do cineclubismo, alimentado no idealismo de jovens de boa fé. Mas hoje alguns de seus líderes se transformaram em aprendizes de capitalistas, raposas do lucro e das vantagens do filme estrangeiro e nos traíram miseravelmente. Como é o caso da "cadeia" Estação Botafogo, cujos responsáveis já assinalaram a ruptura com as engajadas origens e elegeram o bezerro de ouro como meta. Para eles só representamos prejuízo, e não adiantam os ingentes esforços da Riofilme que tem procurado persuadi-los em abrir uma exceção. Pessoalmente vivemos essa amarga experiência de rejeição por parte do exibidor com o nosso filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, um trabalho que foi distinguido com prêmios importantes dentro e fora do país, com críticas

excelentes, fundado na veia emocional da história (um massacre durante a construção de Brasília) e causador de polêmica. Pois bem, nós que já tínhamos purgado quase dez anos de censura com um filme anterior, *O País de São Saruê*, conhecemos esse outro tipo de interdição através do veto branco dos mercadejadores de filmes no Brasil.

Outro ponto em que vimos claudicando é o Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília, alvoroçada fantasia de um governo em busca de promoção, que de uma hora para outra se transformou em obras de metrô. Em vez de trilhas, trilhos. Quer dizer, o governo do Distrito Federal, em crise de recursos para tocar o que lhe parece ser absolutamente prioritário - as obras do seu bondinho metropolitano -, não vai mais investir no Pólo, que já deu o que tinha de dar em termos de publicidade e espaço na mídia para seus intentos político-eleitorais. E eu que me chocara com a fria acolhida dos cineastas paulistas quando, ano passado, no fórum sobre cinema brasileiro do Festival de Brasília, propus entre outras moções que adotássemos a *reciprocidade*. Isto é, uma vez que os paulistas vinham buscar com seus projetos os recursos do Pólo de Brasília para os seus filmes, sugeri que nós de Brasília gozásemos da recíproca nas fontes financiadoras de São Paulo com a mesma finalidade, numa, no mínimo, plausível e natural ajuda mútua. Mais atentos e experientes, os realizadores paulistas ali presentes sutilmente desviaram a discussão para outros pontos. Na hora, irritado mas resignado, ficou-me vagando no espírito macunaímico a expressão biliosa de Mário de Andrade: "Gorda e monótona bestice paulista". Mas eles tinham razão, vejo agora. Convinha aguardar os acontecimentos a ver se de fato o governo de Joaquim Roriz estaria disposto a honrar os compromissos de palanque. Quer nos parecer que não é este o caso.

A outra lacuna, escancarada e nefasta, se localiza no espaço da televisão, que não exhibe o filme brasileiro, se beneficia de uma concessão pública mas trabalha contra os interesses nacionais nos alijando de corpo inteiro do vídeo. Falo, é claro, dos principais canais, com grandes audiências. Com a nova lei voltamos a sonhar e a cogitar de uma *janela* ali onde só esporadicamente comparecemos por uma dádiva "benemérita" dos donos da mídia, aqueles que, como o sr. Roberto Marinho, pisoteiam a cultura brasileira no mesmo passo em que entram



CABRA MARCADO  
PARA MORRER DE  
EDUARDO  
COUTINHO, 1984

para as academias de letras. Com a cumplicidade dos canais de UHF e da extensa rede de locadoras (vídeo home) faturando os tubos e não pagando direitos autorais.

No entanto, nenhuma nação se faz sem uma identidade cultural - e aí voltamos mais uma vez à vaca fria - sem o respeito às suas raízes e valores mais profundos, sem um rosto próprio que a caracteriza e a diferencia perante as outras nações. Por muitos anos o cinema brasileiro cumpriu a sua parte nessa tarefa histórica, e o que vemos hoje é que o mundo sente falta de sua vigorosa imagem, sente nostalgia de sua presença e de seus mais inquietos autores há tanto tempo ausentes dos festivais e encontros internacionais. Isso nós constatamos pessoalmente em recente viagem pela Europa acompanhando o nosso filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Fomos distinguidos em vários fes-

tivais, participamos de júris e mesas de debates e, envaidecidos, sentimos o carinho e a curiosidade que despertamos. Mas não era nada individualizado naquele hora, era algo que transcendia a eventualidade de nossa modesta participação pessoal e se projetava no tempo e no espaço, para os longes do Brasil, no curso de uma memória que permanece viva e parece ter ficado para sempre. E a pergunta, ao mesmo tempo afetiva e embaraçosa, que ouvi de todos e por toda parte, foi: "Onde está o cinema brasileiro?"

Com a recessão, o país batendo às portas da hiperinflação, a chamada iniciativa privada retrancada em seus mais imediatos e medíocres interesses e o Estado brasileiro falido, fica muito difícil responder a uma tal pergunta, a não ser com outra, para saber até onde resistirá o nosso moribundo cinema. Até quando?